

Joaquim da Costa Velhinho¹

Joaquim da Costa Velhinho, natural de Messejana ahi vivia ainda, já bastante idôso, pelos anos de 1867 ou 1869 tendo morrido pouco depois.

Sabendo ler, mal sabia escrever, empregando-se como ganhão (criado de lavoira).

Dele correm entre o povo muitas peças poeticas, algumas com bastante engenho feitas e com inspiração, sendo notaveis e apreciadas aquelas a que esse mesmo povo chama «decimas ao profundo» - coisas tiradas da História Sagrada – em que entram os nomes e feitos de muitas personagens da Biblia, - desfiando genealogias.

Coleccionamos algumas dessas decimas, que temos idêa d’ouvir ao mestre João Zabumba – pedreiro, grande beberrana – excelente pessoa duma memoria felicissima e que também «compunha a sua decimasinha» como ele dizia; mas o caderno em que tinhamos escrito perdeu-se no marcmagnau da papelada em que, desde os verde anos, temos andado envolvidos. Recorrendo, porém, a um coevo do Velhinho (o mestre João Zabumba já havia muito que fora para o outro mundo juntar-se à sua Carolina – a única mulher que namorara, veja vocemecê lá, como ele afirmava) que se lembrava muito bem do poeta com quem privara e do qual com saudade, se recordava. Da boca dele ouvimos muitas poesias, algumas que nos pareceram interessantes aqui as deixamos, para se poder avaliar o estro do pobre Costa Velhinho, que jamais pensou que o seu nome modestissimo andasse, tempos passados, em letra redonda.

Como acima dissemos empregava-se ele como «ganhão»; mas um dia emancipou-se e poz lavoira por sua conta arredando um ferrejalito nos subúrbios da vila. O dinheiro, porem, era pouco não chegando para comprar uma junta de novilhos, ou uma parelha de muares; lembrou-se então de fazer «torna boi» com um visinho: ele, Velhinho, tinha uma vaca, o visinho um boi, juntavam os dois animaes, tomavam-n’os ao arado e um dia lavraram na terra dum e outro dia na terra do outro, valeu?

-Valeu!

E no dia seguinte eis o nosso Velhinho lavrando no seu ferregeal com a sua vaca e o boi emprestado; mas o arado estava mal «encaminhado», desafinado, «lavrava de bico» isto é, «d’estaca» e, naturalmente por ter as aivecas muito fechadas, «engasgava-se», não «despedia a terra». Velhinho, esgotada toda a paciencia, arreliado, atira com o instrumento agricola para o lado, deixando-lhe a rabiça e improvisa:

¹ Texto incluído em “De Roda do Lume: coisas do Alentejo” de Ernesto de Carvalho, s.d., dactilografado e incluído da obra “Fado Operário no Alentejo, séculos XIX – XX” de Paulo Lima, 2004, ed. Tradisom, Vila Verde, pp. 249 a 251.

O diabo te leve arado
E mais a mão que te fez!
Mais de cento e uma vez
Já te tenho excomungado!
Um homem com um machado,
Ahi de qualquer chamiço
Faz um arado inteiriço
Para um boi e p'ra uma vaca!...
Não lhe bonda andar d'estaca
E ainda é engasgadiço!...

Vêmos por esta decima, que bem em relevo põe o desespero do poeta, que ele tinha faculdades de repentista.

(...)

Fala o Velhinho:

Tenho casas assobradadas
E de marfim são as telhas.
De bois tenho cem parelhas,
De eguas oitenta manadas,
E mil vacas afilhadas
Com uma linda criação,
Sou forte como Sansão
P'ra vencer toda a Turquia,
E tenho mais sabedoria
Do que teve Salomão.

(...)

Do Velhinho são também as seguintes estrofes feitas a uma namorada, que pouco sensível á afeição e dedicação do poeta, o *tratava de resto*, desprezando os seus idílios, indo *prosaicamente* entregar-se a outro. É enorme essa poesia, mas para avaliarmos a indignação, o desespero do vate, basta que publiquemos parte dela. Essa composição chama-se *Pragasina* (de praga, termo que hoje ainda o povo emprega e que serviu ao Velhinho como sinonimo de anàtema):

Os céus te faltem, oh! ingrata,
Que nada tenhas que me mandes(?!)
Que dentro de um cêsto andes
Entrevada!
E á borda dum estrada
Te ponham em padiola
Pedindo esmola
A quem passar!
E quem para ti olhar
De te ver tenha vergonha,
E que a mesma peçonha
De ti fuja!
Vida tenhas de coruja!
Do morcêgo a liberdade
Vivendo na escuridade
Pois és falsa!
Andes despida e descalça!
Que de te ver fuja a gente!
Que nem d'amigo, nem parente,
Te socôrras!
E assim como Judas, morras
Enforcada!

E seguia por ahi adiante, nessa linguagem de sentença, «rogando pragas» á *pobresinha* e que se lhe caissem em cima, devia ficar reduzida a torrêsmos...

Servira Velhinho em casa dum lavradoreco, que, ao ajuste de contas, roêra a corda, pagando-lhe menos do que o combinado; o poeta afinou expandindo o seu despeito na seguinte decima:

Se pagar's aos mais criados
Como me pagaste a mim
És mesmo vilão ruim
E bem dos quatro costados!
Atentaram-me os meus pecados
Um dia a servir-te *munto!*
- Gastei com este *defunto*

Cêra que falta me faz! – ...
Mas `spera que lá irás
Onde pagues tudo junto!...

Corre no termo d' Ourique esta *estrofe corográfica*, que não deixa de ser curiosa e que já ouvimos atribuir, uns, ao Velhinho e outros ao Pôtra:

Santa Luzia dos olhos.
São Martinho dos mancebos.
Garvão é terra de nêgros.
Em *Panoias* bizzarria.
Messejana gravidade.
P'ra falar com cortezia
Barrigôtos d'Alvalade.